

viver.

reportagem cultural

Uma vida pela música

Daniel Sanes, especial para o JC

O que distingue um músico de um artista?

Segundo Claudio Vera Cruz, a diferença é clara. Um artista gosta de aparecer. É um cara de muitas opiniões. E, claro, sabe se “vender”. Já o músico é alguém que só sabe... fazer música.

“O meu negócio é tocar, compor, criar arranjos. Estar no meio musical”, explica o guitarrista. “Até gostava de dar uma ‘aparecida’, porque todo mundo tem um pouquinho de vaidade, né. Mas não era chegado a entrevistas, rádios, jornalistas. Ficava nervoso: ‘pô, esses caras tão querendo saber demais’. Eu é que não ia contar”, brinca.

E olha que boas histórias não faltam na carreira de Vera Cruz. O sujeito tocou em várias bandas relevantes para o cenário musical gaúcho nos últimos 60 anos. De Som 4 a Liverpool (depois Bixo da Seda). De Eureka a Saudade Instantânea.

No Succo, foi parceiro de Zé Rodrix. Subiu ao palco para participar de uma jam com nada menos que Gilberto Gil. Gravou o LP Paralelo 30, um marco da música pop de Porto Alegre. No auge de suas experimentações musicais, criou uma ópera rock e um instrumento chamado violorquestra.

Depois de tudo isso, Claudio Vera Cruz virou músico da noite. Mas nunca abandonou o lado autoral, seja criando jingles, seja compondo canções que fizeram a cabeça de muita gente. Como *Dona Yeda* (ou *Dona Yedda*; a grafia correta se tornou um mistério), pérola do Bixo da Seda não registrada em estúdio.

“Essa música entrou no

repertório da última formação do Colarinhos Caóticos, quando reservamos um momento do show para clássicos do rock gaúcho. Todo mundo cantava! Eu não conseguia entender porque ela não tinha entrado no disco”, diz o músico e produtor Egisto Dal Santo, que gravou a faixa em seu projeto *Histórias do Rock Gaúcho*.

Para ele, Vera Cruz deveria ser mais reconhecido como um dos pioneiros da música urbana do Estado, uma espécie de “tropicalista gaúcho”, ao lado de Carlinhos Hartlieb e Hermes Aquino. “O Claudio é um artista muito versátil. A gama de músicas dele inclui bossa nova, tango, samba, balada, valsa, rock... E um guitarrista incrível. Citando o saudoso Mitch Marini (baixista fundador dos Garotos da Rua e que também integrou o Colarinhos): antes de aparecer Claudio Vera Cruz, ninguém em Porto Alegre tocava soando como um guitarrista inglês – no melhor sentido que essa frase possa ter”.

Edinho Espíndola, baterista tanto do Liverpool quanto da posterior encarnação da banda, o Bixo da Seda, tem percepção semelhante. Ele ressalta que o amigo já chamava atenção quando animava festas em clubes com o Som 4, grupo especializado em covers de Beatles. “Era uma loucura. E o vocal deles, uma perfeição. Quando o Som 4 acabou, o Liverpool meio que assumiu o posto. E nós convidamos o Alemão (apelido entre os mais chegados) para entrar na banda”, lembra.

Parceiro de Vera Cruz também no duo Sample Hits, Edinho o considera um músico subestimado. “Sem dúvida, o Claudio



Com 60 anos de carreira, Claudio Vera Cruz já deixou sua marca em diversas bandas, como Bixo da Seda

merecia estar mais em evidência. Sempre foi um guitarrista criativo, talentoso, e canta muito bem. Aquela levada, o riff da música *Bixo da Seda*, é dele! Inclusive foi uma falha não ter saído nos créditos”, observa o baterista, destacando que o fato de ser “um cara muito na dele” pode ter dado menos visibilidade ao colega. “Quando fomos para o Rio de Janeiro gravar o

disco do Liverpool, ele preferiu ficar em Porto Alegre. Com o Bixo foi a mesma coisa. São as escolhas de cada um.”

O próprio Vera Cruz acredita que muitas das decisões da juventude, se pudessem ser tomadas hoje, seriam diferentes. Não demonstra arrependimento, mas talvez tivesse ouvido o conselho de Bebeto Alves para se tornar um artista, um cara do showbu-

siness, e não “apenas” músico.

“Eu acho que comecei a virar artista depois de velho”, avalia o guitarrista, que completou 77 anos no último dia 26 de abril. “Na verdade, não me preocupo muito com isso. A vida não é fácil. E, no fim das contas, consegui viver a minha fazendo o que eu mais gosto: música.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Nova antologia das Dramaturgas

Lançado em 2022, a antologia *Liberdade* é o segundo volume de textos dramáticos que o coletivo As Dramaturgas concretiza. Seu primeiro projeto ocorreu em 2018, através da Editora da Pucrs, e alcançou inclusive premiação nacional. Eram treze volumes de bolso trazendo, cada um, dois ou um único texto de cada autora. Neste novo encontro, coordenado por Patrícia Silveira, concretiza-se em um só volume, através da editora Concha, da cidade de Rio Grande.

O livro traz textos de Carina Corá (*Re-sonhar*), Dedé Ribeiro (*Segurança máxima*), Elisa Lucas (*Acordei aposentada*), Fernanda Moreno (*... me atrevo*), Jéssica Barbosa (*Gás*), Lourdes Kaufmann (*Depois de tudo!*), Natasha Centenaro (*Paisagem com cactos*), Patsy Cecato (*Graças e mãos sujas*), Stella Bento (*Paralelas e transversais*), Viviane Juguero (*As teias de Anhara*), além da própria Patrícia Silveira (*Galeria Cassandra*), dramaturgas que já haviam divulgado seus textos na coleção anterior, além de Dedy Ricardo (*Eu não sou macaco!*), Jéssica Lúcia (*Fica conosco, senhor, já se faz tarde*), Silvana Rodrigues (*Esconderijo*) e Virginia Schabbach (*No antes, naquele dia e agora - Invisível*), que se reuniram às colegas do volume anterior. Cada uma, como destaca Patrícia Silveira, na apresentação da obra, com suas estéticas, preocupações temáticas e definições estilísticas. Neste sentido, elas não formam um grupo: aliás, o fato de insistirem em se identificarem enquanto coletivo evidencia bem isso. O que as identifica é o fato de serem mulheres que escrevem para teatro e pretendem ocupar seu próprio espaço nestes palcos.

Temos textos que seguem a carpintaria tradicional da peça dramática, como o sensível *Re-Sonhar*, de Carina Corá, o tenso *Fica conosco, Senhor, já se faz tarde*, de Jéssica Lúcia ou o divertido *Depois de tudo!*, de Lourdes Kauffmann.

Mas há os chamados textos de combate, como *Eu não sou macaco!*, de Dedy Ricardo, *Galeria Cassandra*, de Patrícia Silveira, ou *Paralelas e transversais*, de Stella Bento.

Encontramos, ainda, textos nitida-

mente experimentais, que poderíamos filiar ao grupo da chamada dramaturgia pós-moderna, como *...me atrevo*, de Fernanda Moreno, *Gás*, de Jéssica Barbosa ou *Paisagem com cactos*, de Natascha Centenaro.

Não faltam também os textos divertidos e leves, como *Acordei aposentada*, de Elisa Lucas, ou anti-dramáticas, como *Graças e mãos sujas*, de Patsy Cecato, ou, ainda, quase rituais, como *As teias de Anhara*, de Viviane Juguero.

O fato de as escritoras serem militantes de alguns princípios, como exigirem espaços respeitosos para as suas produções e reconhecimento pelas mesmas, não significa que todos os textos estejam vinculados a temáticas feministas. Boa parte deles o são, mas há outros que discutem outros aspectos da realidade brasileira, como os preconceitos raciais. Alguns falam sobre o etarismo, e assim por diante. O que chama a atenção, aliás, justamente, é a variedade e amplitude de temas que surgem nestes trabalhos, evidenciando um horizonte múltiplo e absolutamente contemporâneo, a valorizar ainda mais as contribuições destas autoras.

Outro dado a destacar, e devidamente registrado na introdução da obra, é o fato de vários destes textos já terem sido montados, ou seja, transformados em espetáculo, ou receberem leituras dramáticas: afinal, só quando a palavra escrita se transforma na palavra falada é que saímos, de fato, do campo da Literatura para o do Teatro.

Da leitura do volume, saio com uma convicção: não é por falta de qualidade dos textos que eles não serão montados. Portanto, diretores e produtores à procura de inspiração para novas realizações, eis uma bela oportunidade. Se combinamos isso com o lançamento de editais que tem sendo realizado pela Sedac, podemos unir o útil como agradável: proporcionar o conhecimento de novos textos e de novos autores (no caso, autoras), com a oportunidade concreta de se dispor de espaços para a apresentação do espetáculo e, até mesmo, para os seus ensaios.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Documentários

A Holanda, cujas autoridades pedem que seja usado o nome oficial de Países Baixos, tem uma longa história relacionada aos esforços para que grandes espaços de seu território sejam protegidos da força do mar. A vitória conquistada em tal batalha, possibilitada pela pesquisa e sua utilização de forma racional, foi bastante documentada pelo cinema em diversos registros.

O mais famoso deles é aquele que Joris Ivens (1898-1989) realizou no documentário *Zuidersee*, cujos trabalhos foram realizados entre 1930 e 1934 e tiveram origem numa série de filmes encomendados por um sindicato de trabalhadores, depois utilizados pelo cineasta. O filme, que registra a tomada de um novo território conquistado no mar, é hoje um dos clássicos do gênero. Ele foi exibido pelo Clube de Cinema de Porto Alegre no mês de janeiro de 1961, num ciclo dedicado ao cinema daquele país, realizado no auditório da Faculdade de Arquitetura.

Joris Ivens é um dos mais importantes nomes do documentário cinematográfico. Depois dos filmes que registraram o trabalho de trabalhadores anônimos em um projeto de avanços e também de segurança para uma nação, Ivens se tornou uma espécie de testemunha de lutas anticolonialistas. Ele também documentou a guerra civil espanhola, entre 1936 e 1939, no documentário *Terra Espanhola*, em 1937 e cuja narração foi feita por Ernest Hemingway. E também documentou a luta pela independência da Indonésia em um filme realizado em 1946 e intitulado *Indonesia Calling*. Para o célebre *Zuidersee* o compositor Hans Eisler escreveu a música.

Um outro grande momento do documentário é *Noite e nevoeiro*, realizado em 1956 por Alain Resnais, utilizando registros feitos durante o julgamento de nazistas, depois da Segunda Guerra Mundial. O filme, que chegou a ser proibido na República Federal da Alemanha e depois liberado e exibido em todos os cinemas por decisão do governo, após túmulos judeus serem profanados, tem as imagens editadas sobre um texto de Jean Cayrol. Esse encontro de Cinema e Literatura foi o

impulso determinante na filmografia de Resnais. Outro foi o documentário, terreno onde o diretor deixou também sua marca registrando imagens da biblioteca francesa e também de exemplos da arte africana.

No prólogo antológico de *Hiroshima, meu amor*, as duas tendências se encontram, numa inigualável abertura que dificilmente será esquecida por qualquer um que a assista pela primeira vez. O filme, por sinal, tem clara estrutura operística, com árias, corais e duetos. Resnais, portanto, deixou em duas obras-primas registros definitivos sobre duas manifestações da violência a que o ser humano é capaz. Na verdade, três, porque o filme também documenta as humilhações sofridas por jovens francesas que tiveram ligações com soldados alemães. Este tema foi praticamente ignorado por parte da crítica, que não viu ou preferiu ignorar o passado da protagonista do filme, que de certa forma vivencia um episódio repetido na ligação com arquiteto japonês. E *Noite e nevoeiro*, por ressaltar antes de tudo uma agressividade que se espalha e cujas origens são geralmente ignoradas, é um filme que faz o ser humano contemplar uma imagem quase sempre encoberta.

Robert Flaherty (1884-1951) foi um documentarista que privilegiou a luta humana pela sobrevivência. Muitos consideram *O Homem de Aram*, realizado pelo cineasta no ano de 1934, o maior filme do gênero. Flaherty sempre dedicou seus filmes à luta do ser humano pela sobrevivência. Na obra citada e em tantas outras, ele reconstituiu o cotidiano de uma família e deixou registradas imagens poderosas. Entre elas, a sequência na qual um menino, à beira de um verdadeiro precipício, pesca com a utilização de uma linha de grande extensão. Tal cena resume uma obra e uma visão de mundo. O combate eterno pela sobrevivência e os riscos dela decorrentes. Este e outros momentos do filme são exemplos de um cinema voltado para a ação destinada a exaltar, sem a utilização de qualquer artifício, o processo destinado a mostrar o perigo de um abismo incapaz de deter a ação humana.

fique ligado

Localizando o endereço de Mona Lisa

O mistério sobre a paisagem montanhosa que aparece ao fundo da Mona Lisa, revelando onde a obra foi pintada, parece ter sido finalmente solucionado, como relata Gabriela Caputo para a Agência Estado. Ann Pizzorusso, geóloga e historiadora da arte renascentista, acredita ter encontrado a resposta para as intermináveis especulações sobre o cenário registrado por Leonardo da Vinci.

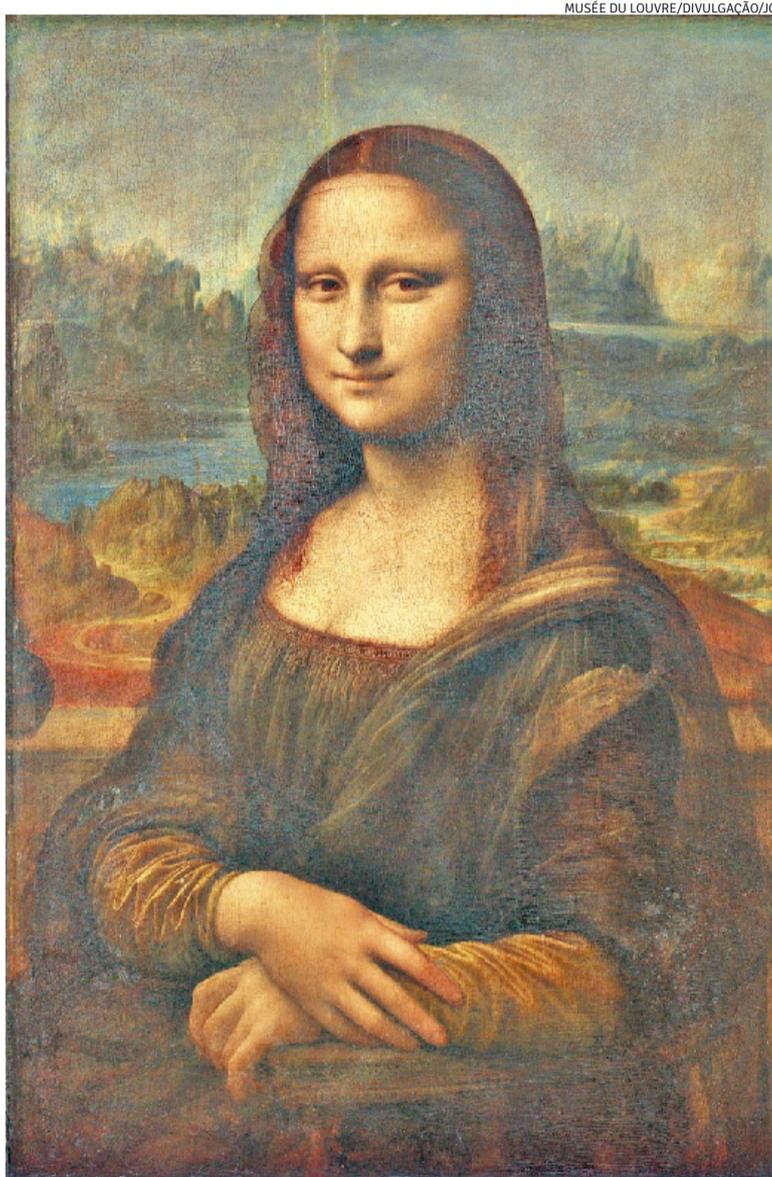
Combinando suas duas especializações, Ann Pizzorusso sugere que da Vinci pintou elementos reconhecíveis de Lecco, comuna localizada às margens do Lago Como, na Lombardia, região do norte da Itália.

Atrás da Mona Lisa há uma ponte, uma cordilheira e um lago. Para a geóloga, trata-se da ponte Azzone Visconti, construída no século 14 em Lecco, dos Alpes do sudoeste e do lago Lac de Garlate - é sabido que o artista visitou o local há 500 anos.

Ao longo dos anos, surgiram diversas teorias sobre o local onde Mona Lisa teria sido pintada. Trata-se de um debate persistente entre historiadores da arte: alguns dizem que a paisagem é imaginária, inventada pelos pincéis de da Vinci; outros apontam correspondência a localidades do território italiano, ressaltando o quanto o artista valorizava a precisão científica.

Em 2011, afirmaram que elementos como a ponte e uma estrada observadas na pintura seriam de Bobbio, outra comuna do norte italiano. Já em 2023, a aposta foi que da Vinci havia pintado uma ponte de Arezzo, na Toscana. Nenhuma das duas cidades, porém, contam com um lago.

Ao The Guardian, Pizzorusso



Paisagens ao fundo da obra-prima de Leonardo Da Vinci intrigam estudiosos

disse que identificar a ponte não garante nada, por ser uma construção cujo formato era onipresente na Europa da época. "Todos falam da ponte e ninguém fala da geologia", afirmou ela. Outro elemento distingue-se na identificação do local: as rochas existentes em Lecco são calcárias, e Leonardo, de fato, pintou rochas em um tom branco-acin-

zentado, bastante fidedigno.

Para sua pesquisa, a geóloga visitou Lecco seguindo passos de Leonardo registrados em seus cadernos. O artista passou bastante tempo explorando o território mais ao norte, explica Pizzorusso. Ela apresentou suas evidências em uma conferência de geologia realizada no último fim de semana em Lecco.

Le Marché Chic em auxílio aos desabrigados



A feira de artesanato ocorrerá no dia 1º de junho em Caxias do Sul

Com a temática *Ajude nossos pequenos artistas*, a feira Le Marché Chic, da curadora Lulu Alberti, se juntará à Apae/RS em benefício das pessoas desabrigadas no Estado, em especial aquelas com deficiência. A feira acontecerá em 1º de junho, das 14h às 20h, no Pátio da Estação em Caxias do Sul. O local servirá como ponto de coleta de doativos e mantimentos destinados à Apae/RS. Cada um dos 53 expositores irá doar 5% da renda obtida com a venda de produtos para o movimento apaeano.

André Morais lança terceiro álbum

Em comemoração aos 20 anos de trajetória artística, o multiartista paraibano André Morais lança seu 3º álbum autoral, *Voragem*. Com 10 canções inéditas, o trabalho conta com as participações de Ney Matogrosso e da cantora paulista Fabiana Cozza.

Já em todas as plataformas de música, além de clipes inéditos em seu canal do Youtube, o álbum chega para consolidar a maturidade do trabalho de Morais como cantor e compositor. Boa parte do repertório foi composto durante o período de isola-

mento, o que evidencia sua solidão, seu encontro com a natureza, com o desejo, com a amorosidade, além do resgate de sua ancestralidade, através de uma reflexão sobre o seu existir no universo.

Com uma carreira pavimentada por três pilares fundamentais - música, teatro e cinema -, André Morais traz a sua experiência teatral ao canto, bem como sua construção cinematográfica às composições. Ele já possui dois discos: *Bruta Flor*, lançado em 2011, e *Dilacerado*, disponibilizado em 2015.

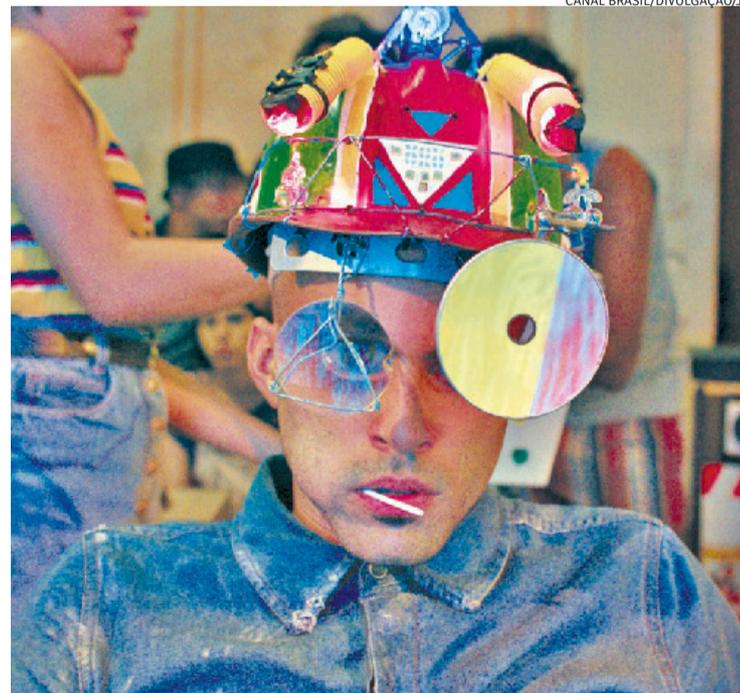
Resgatando as memórias do movimento mangubeat

A segunda temporada da série *Lama dos Dias*, dirigida pelo pernambucano Hilton Lacerda, estreia no Canal Brasil no dia 24 de maio. Os sete episódios serão transmitidos a partir das 21h, em formato de maratona. Ambientada no Recife na década de 90, a produção resgata o movimento mangubeat e propõe uma reflexão sobre o processo criativo nos dias atuais.

A trama acompanha um grupo de jovens moradores da capital pernambucana, entre eles Farmácia (Geyson Luiz), que junta esforços para realizar seu filme, e EZK (Matheus Tchôca), que coloca em prática o

sonho de organizar um festival de música. O curta de Farmácia é produzido durante a série, mas será visto na abertura de cada episódio, dividido em sete partes. O diretor por trás de *Farmácia* é Hélder Aragão, o DJ Dolores, que também assina a trilha e os roteiros.

Todos os episódios foram rodados em Pernambuco, em locais como um casarão abandonado em um dos bairros mais tradicionais do Recife e um apartamento em um prédio onde moraram personalidades como o designer e músico Mabuse, DJ Dolores e Hilton Lacerda.



Série *Lama dos Dias* terá episódios inéditos exibidos pelo Canal Brasil

reportagem cultural

Um garoto que amava Beatles e MPB

ACERVO PESSOAL CLÁUDIO VERA CRUZ/REPRODUÇÃO/JC

Por um desses acasos da vida, Claudio Vera Cruz nasceu paraense. O pai, Pedro Paulo, e a mãe, Artenisa, eram gaúchos, mas se mudaram para Curitiba porque o primeiro atuava como inspetor bancário.

Desde cedo, o jovem Claudio mostrava interesse em criar sons. Usando apenas a boca, fazia “trilha” para as brincadeiras de mocinho e bandido. Seu primeiro instrumento foi uma gaitinha, na qual reproduzia uma única música: *Cerejeira rosa*, popularizada por Carlos Galhardo em 1955.

Na banda da escola, o menino experimentou pífano e clarinete. Influenciado pela irmã mais velha, Lúcia, que tocava piano, tentou esse instrumento também. “Comecei a achar que música não era a minha praia”, confessa.

Aos 13 anos, se mudou para Porto Alegre, mas continuou indo regularmente a Curitiba para visitar a irmã, que havia se casado e ficado por lá. Em uma dessas viagens, conheceu duas gêmeas que sabiam tocar violão. Uma nova perspectiva se abriu: “Fiquei abismado! Um instrumento que fazia harmonia? Aprendi *La Bamba* (Ritchie Valens), *Non ho l’età*

(Gigliola Cinquetti) e *Corcovado* (Tom Jobim)”.

Mesmo nutrindo grande paixão pela música popular brasileira, Vera Cruz não ficou imune ao fenômeno da beatlemania. Com um grupo de amigos - entre os quais Hermes Aquino, que viria a ganhar projeção nacional com *Nuvem passageira* - criou Os Satânicos, para tocar sucessos do quarteto de Liverpool. Como o nome não era muito comercial, passaram a se chamar Som 4. “Virou uma febre! Ganhávamos mais pra fazer um show do que os conjuntos de baile que ficavam cinco horas tocando”, afirma.

Amigo de Vera Cruz desde a adolescência, o guitarrista André Zeni fala com saudades dessa época. “Conheci o Claudio quando eu tinha 16 anos e ele, 19. Morávamos no mesmo edifício. Lembro-me bem dele tocando violão e cantando Beatles com o Hermes Aquino. no bar do térreo”, diz. A paixão mútua pelos Beatles fez com que, na década de 1990, Zeni convidasse Vera Cruz para um projeto semelhante: *O Sonho Não Acabou*, na ativa até hoje.

Outro integrante do grupo, o baixista Inácio do Canto guarda na



Claudio Vera Cruz já na década de 1980, com uma gaita de boca, seu primeiro instrumento

memória a primeira vez que viu o Som 4. “Foi em 1967, 1968, no Grêmio Náutico Gaúcho. Quase me mijei de emoção”, conta. “Estávamos sempre tocando em lugares diferentes, mas em certo momento começamos a trabalhar juntos em jingles. Depois ele entrou n’Os

Totais. Eram tempos maravilhosos! Definitivamente, eu e o Alemão viramos amigos.”

O sucesso do Som 4 chamou a atenção do apresentador Glênio Reis. Em 1968, Vera Cruz e Hermes Aquino foram convocados para integrar a banda de seu programa

na TV Gaúcha (hoje RBS TV), o GR-Show. “Foi um trabalho legal, ganhamos uma boa grana, mas eu tava meio doidão”, assume o guitarrista. O mundo vivia uma era de transição, e o movimento hippie começava a impactar o cenário musical - inclusive no Brasil.

Puro suco do rock ‘n’ roll

Com o fim do programa de Glênio Reis, Claudio Vera Cruz estava de boeira. O Liverpool não desperdiçou a chance e o recrutou em 1969. Na hora de gravar o disco, porém, o músico abandonou o barco.

“Eu era meio antissocial, sabe? Nossa convivência era um pouco difícil. Comecei a ficar paranoico, pensava que todos estavam falando mal de mim. E também que não tinha o mesmo conhecimento musical que o resto da banda”, resume.

A história se repetiria quando, já rebatizada Bixo da Seda, a banda o chamou para tocar baixo e,

depois, assumir guitarra e vocais. Vera Cruz compôs riffs clássicos, como o da faixa-título, e a já citada *Dona Yeda*, mas não levou o crédito - e nem gravou o álbum de 1976.

Nesse meio tempo, o músico se envolveu com uma série de parcerias. Uma das mais notórias é o Succo, que chegou a contar com o carioca Zé Rodrix, ainda em início de carreira.

O Succo teve vida efêmera, mas fez um verdadeiro estardalhaço no II Festival Universitário de MPB da Arquitetura da Ufrgs, em julho de 1969. Na ocasião, a banda (ainda sem Zé Rodrix) iria executar

Nem só de graves vive o homem, parceria de Vera Cruz com o baixista Chaminé.

Foi uma performance caótica, com direito a “lançamento de talco” pelo vocalista Mutuca, que acabou atingindo os violinos da orquestra localizada no fosso em frente ao palco. Empolgado pela reação da plateia, o também baixista Português, ex-Som 4, levou uma galinha viva na noite seguinte. “Lembro do maestro agachado e o bicho passando por cima. E a massa delirando, pedindo pra quebrar tudo”, recorda Vera Cruz.

A situação saiu do controle. Irritado com as críticas da esposa do músico Geraldo Flach à performance do grupo, Chaminé partiu para as vias de fato. Português entrou na briga e acertou o baixo na cabeça do pianista, que foi levado sangrando para o hospital.

Após o show, os músicos tiveram que prestar contas ao delegado, que era nada menos que o irmão de Geraldo, Matias Flach. Em depoimento ao jornalista Arthur de Faria para o site Matinal, o hoje juiz aposentado declarou: “Ouvi os envolvidos e liberei todos. Geraldo contou-me alegremente que Português teve a iniciativa de entrar em contato e se desculpar pelo incidente”.

Na onda progressiva

Na virada dos anos 1970, o som progressivo de bandas como Yes e Genesis dava as cartas. Aquilo empolgou Vera Cruz, que, junto do tecladista Marco Aurélio Raymundo, o Morongo (proprietário da marca de artigos de surfe Mormaii), criou o grupo Saudade Instantânea. O objetivo era executar uma ópera rock.

O problema é que, na época, o músico atuava como projetista da extinta Companhia Riograndense de Telecomunicações, a CRT. “Os ensaios duravam a noite toda. Chegava no trabalho quase dormindo. Um dia, caí em uma guarita que eu mesmo havia projetado. O engenheiro responsável me chamou: ‘Ouvi dizer que o senhor é ótimo músico. Não estou aqui para interromper a carreira de ninguém’. E assim fui demitido”, ri Vera Cruz.

Eugeny - História de um sonho foi um sucesso absoluto, lotando o Teatro São Pedro por seis dias consecutivos em 1973. “Chamamos o (artista) Ricky Bols para criar o visual. A bateria da Gata, irmã do Morongo de apenas 13 anos, tinha luz e um stencil de estrelas. Foi um show revolucionário, de grande impacto.”

Hoje morando no Rio e atuando como diretor de TV, Paulinho Buffara assinou o texto. Ele lembra com carinho daquele momento e das composições que fez com Vera Cruz. “Esse espetáculo foi pioneiro não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil. A partir daí eu e o Claudio firmamos uma grande parceria, criando diversas músicas, como *Bixo da Seda*, *Dona Yeda* e as do Paralelo 30.”



Nos primórdios do Bixo da Seda; Vera Cruz está à direita, no canto escuro



Universo Paralelo

As coisas começavam a acontecer - mas financeiramente, nem tanto. Vera Cruz percebeu que Hermes Aquino estava se dando bem ao compor jingles e, ao mesmo tempo, tinha música rodando na rádio Continental. Fez o mesmo: gravou a balada *Aonde vai você*, mais uma com letra de Buffara. “A música tocava a toda hora, mas não tinha onde comprar. Só fizemos aquela gravação em fita de rolo pra rádio. Faltou visão de mercado”, admite.

Sua produção em estúdio ganharia mais visibilidade com *Paralelo 30*. Idealizado pelo jornalista Juarez Fonseca, o disco colaborativo de 1978 tinha por objetivo reunir nomes que estavam despontando na Capital - Bebeto Alves, Carlinhos Hartlieb, Nando D’Ávila, Nelson Coelho de Castro e Raul Ellwanger completavam a lista.

“Eu sabia que ele era um puta músico. E naquele show do



Detalhe da capa do LP *Paralelo 30*, um dos pilares da música urbana gaúcha

Gil, ao subir no palco e tocar de improviso com Lanny Gordin, um dos maiores guitarristas do Brasil, mostrou que tinha bastante confiança”, lembra Fonseca. “Para o disco, reunimos artistas que misturavam MPB, pop e a

nova música regional revelada pela Califórnia da Canção Nativa a partir de 1971. O Claudio estava nessa e contribuiu com duas belas músicas.” *Sem rei e Ruínas de um sonho* são pedidas até hoje nos shows.

Virando a chave

Um susto fez Vera Cruz rever o ritmo de “loucuras” da vida de músico, ainda nos anos 1970. Do nada, decidiu ir para Amsterdã. Confiando em sua companheira de viagem, uma funcionária do consulado holandês, pegou o avião com a ideia de fazer a vida lá fora, mas sem grana e sem os documentos necessários para permanecer no país. A imigração o deixou permanecer - sob vigília constante e com data marcada pra voltar.

Em cerca de três meses, Vera Cruz conseguiu formar uma banda de estrangeiros “expatriados”. Mas um dia, sob efeito de mesalina, vagou sozinho pela região portuária. “Nunca rezei tanto na vida! Via os caras dormindo em barcos e pensava que poderia acabar por ali. Depois dessa viagem, comecei

a ser uma pessoa mais consequente”, reflete.

Outra mudança veio nos tempos de Bixo da Seda, quando conheceu a então estudante Márcia Lemieszek e teve seu único filho. Hoje com 47 anos, Rodrigo lidera os Pipeliners, que fazem versões de grupos de surf music australiana como Hoodoo Gurus e Spy vs. Spy. E adivinhe quem toca com ele?

“Sempre tive o sonho de que meu pai fizesse parte das minhas bandas, mas nunca pedi. Quando perdemos nosso baixista, em 2021, ele decidiu se juntar a nós, aceitando um desafio enorme, pois sequer conhecia muitas músicas que tocamos. Não poderíamos ter passado nosso período no planeta sem viver essa experiência”, afirma Rodrigo.



Com o filho Rodrigo, parceiro na banda Pipeliners, voltada para a surf music

Um orixá chamado Gilberto Gil

Outro episódio memorável na carreira de Vera Cruz é sua jam “involuntária” com Gilberto Gil. Em 1972, o baiano, recém-chegado do exílio, veio a Porto Alegre para lançar seu quinto disco, *Expresso 2222*, no antigo Teatro Leopoldina.

O guitarrista, que estava ali só para ver o show, conseguiu livre acesso aos bastidores por causa de um amigo que fornecia um “fuminho bom” ao cantor. “Os músicos viram que eu estava carregando minha guitarra e me chamaram para o palco. ‘Mas e o Gil?’, perguntei. ‘Ele vai adorar’, responderam.”

Ainda assim, quis se certificar de que não haveria problema. Encontrou o baiano meditando no camarim. A resposta dele foi vaga: “você que sabe”.

Vera Cruz decidiu encarar o desafio. Quando as luzes se apagaram, ele viu que era “tudo mui-

to profissional”, sem espaço para improvisos. “Percebi a fria em que tinha me metido. Resolvi baixar o volume do amplificador e fazer uma percussão abafada na guitarra, pra não atrapalhar”, explica.

Depois de duas músicas (*O canto da ema* e outra que Vera Cruz não recorda), Gil apresentou a banda, músico por músico. Na sua vez, o guitarrista foi citado como “um irmão que apareceu aqui” - e ovacionado pela plateia, que sabia quem ele era. Logo depois, notou alguém se aproximando por trás e fazendo sons sincopados com a boca. Era Gil.

“Parecia que eu estava recebendo um passe. Mas talvez o cara quisesse dizer algo como ‘te liga, tá viajando demais’. Fui recuando até desaparecer no fundo do palco”, ri. “Depois dessa, costumo falar que Gilberto Gil é meu orixá.”

Um acervo a ser descoberto

A partir da década de 1980, Vera Cruz decidiu focar na carreira de músico da noite. Montou um repertório popular, com versões de Djavan, Caetano Veloso, Ivan Lins, entre outros. Nos bares, se destacou pelo uso pesado de sintetizadores (uma tendência da época), mas, principalmente, pela violorquestra, instrumento que acopla baixo e violão. “Ninguém era louco de pegar um violão e botar uma corda de baixo, mas foi o que eu fiz. O som é único. Todo mundo começou a perguntar como eu fazia”, ressalta.

Mesmo com a agenda lotada, continuou arranjando tempo para tocar em bandas. Uma delas, Eureka, se tornou conhecida por inaugurar o palco do bar Ocidente, em janeiro de 1981. A formação contava com o velho parceiro Hermes Aquino, e Zé Vicente Brizola, filho de Leonel Brizola e também oriundo da primeira formação do Bixo.

De lá pra cá, Vera Cruz tem se mostrado um verdadeiro operário da música ao vivo. Mas se engana quem acha que deixou de compor. Segundo ele, são mais de 400 músicas registradas em seu estúdio caseiro. Mas só 13 - as que foram lançadas em seu único CD solo, *Vagalume* (2014) - estão disponíveis nas plataformas de *streaming*. Procurando bem, dá pra achar ou-



Vera Cruz já compôs mais de 400 músicas; a maioria segue inédita

tras no YouTube.

Egisto Dal Santo deve levá-lo ao estúdio para gravar novas faixas em breve. Enquanto isso, Edinho Espíndola cruza os dedos. “Ele gravou um belo disco de rock, mas se fizer um de bossa e MPB, me candidato a ser o baterista”, avisa.

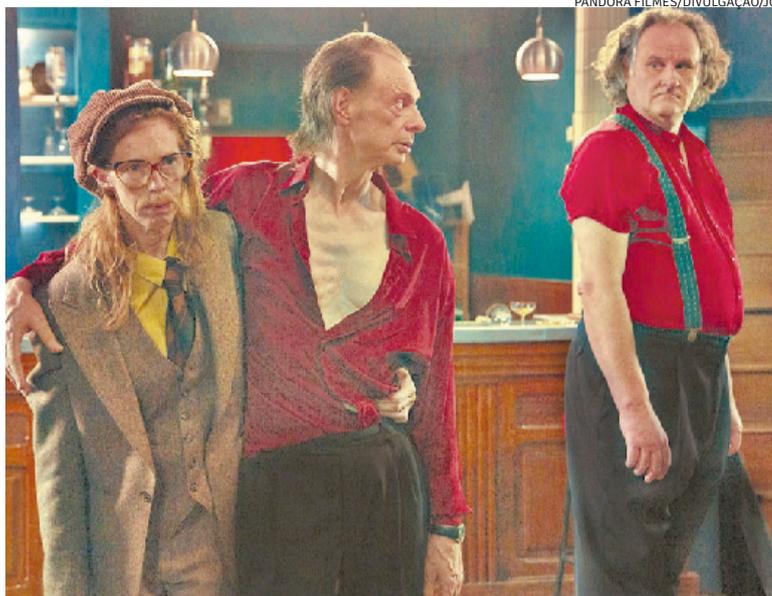
Vera Cruz, por sua vez, acha

que já fez o que tinha que fazer. “Agora, tenho vontade de vender meu apartamento e morar na praia. Quero paz e tranquilidade”, revela. Já largar os palcos é um pouco mais difícil. “Enquanto tiver saúde, acho que sempre vou tocar. Porque sou músico, e é isso o que gosto de fazer.”



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Já foi repórter e editor no Jornal do Comércio. Hoje, trabalha na República - Agência de Conteúdo e atua como freelancer.

nas telas



PANDORA FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Filme *A Estrela Cadente* chega aos cinemas neste final de semana

Uma comédia de estranhamentos

Ganhador do Prêmio do Júri no Beaujolais Meetings of French-speaking Cinema, o longa *A Estrela Cadente*, dirigido pelo casal Fiona Gordon e Dominique Abel, é uma comédia de poucos diálogos e muitos estranhamentos. Boris (interpretado pelo próprio Abel), ex-ativista, vive no subsolo como barman no *A Estrela Cadente*. Seu passado culpado ressurgue quando uma vítima

ma (Bruno Romy) o encontra e quer vingança. O surgimento de um duplo, um sujeito chamado Dom, que vive deprimido e solitário, fornece um plano de fuga perfeito a Boris, sua engenhosa esposa Kayoko (Ito) e seu fiel amigo Tim. Mas eles não contavam com o surgimento da ex-mulher de Dom (Gordon), uma detetive desconfiada que vai em busca do paradeiro de Dom.

Recém-casados de ressaca

O segundo filme da franquia *Belo Desastre* chega aos cinemas brasileiros. *Belo Desastre - O Casamento* é estrelado por Dylan Sprouse e Virginia Gardner, e conta a história de Travis e Abby, dois jovens que, depois de uma noite louca em Las Vegas, acordam casados. O elenco principal também conta com Libe Barer, Austin North, Steven Bauer, Kyle Richards e Alex Aiono. Em *Belo*

Desastre - O Casamento, Travis Maddox (Dylan Sprouse) e Abby Abernathy (Virginia Gardner) acordam depois de uma noite louca em Las Vegas confusos, de ressaca e... Casados! Então, eles fazem o que qualquer casal jovem recém-casado e que mal se conhece faria: viajam para o México para uma lua de mel com seus melhores amigos e família.

Um reencontro com Amy Winehouse

Filme que conta parte da trajetória de Amy Winehouse, uma das cantoras mais marcantes da música pop nas últimas décadas, *Back to Black* conta a história nunca vista antes da ascensão precoce da artista à fama e do lançamento de seu inovador

álbum de estúdio, que dá nome à cinebiografia. Contado a partir da perspectiva de Amy, o filme traz um olhar sem apologias da mulher por trás do fenômeno e do relacionamento que inspirou um dos álbuns mais lendários de todos os tempos.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Tipo de recurso natural do Brasil ameaçado pela estigme em 2021	Renô	Alexandre (?), ator de "Albatroz" (Cinema)	Doença prevenida pela vacina tríplice bacteriana	Serpente que tritura as presas	Renomada universidade privada de SP Estado governado por Eduardo Leite
O guardião do Labirinto (Mit.)	→	↓	↓	↓	↓
Perda do pneu careca na pista molhada	→				
Enerva; exaspera	→				Formato do palito de dentes
Praga dos trigais	→				Varinha (?), artefato de Harry Potter
	↓		Ferro, em inglês		↓
			Censurar; repreender		
O antigo território do Guaporé (BR)	↓		Gás aplicado no campo da criogenia		Sufixo de "sulfona"
			↓		Átomo eletrizado
Aquele que está prestes a receber o título mais alto da pós-graduação	→				
		Mineral de ação cicatrizante		Beneficiário do seguro do carro roubado	
	↓				
Fator que propicia o surgimento da caspa				A área urbana mais propícia a assaltos	(?) Rees, diretora e roteirista do filme "A Última Coisa que Ele Queria"
				↓	
"Ninguém (?) profeta em sua terra" (dito)	→	Obter, em inglês		"(?) Nequinho", sucesso de Elis	Agência da ONU
				↓	Patriarca bíblico
Nascido na capital do Amazonas	→				
				Nosso, em inglês	
				Cadeia; cárcere	
Dosagem do (?), exame que detecta o câncer de próstata	↑				
				Mensagem da pessoa em desespero	

BANCO 3/dee — get — our — psa. 4/tron.

1

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

Solução

O	L	E	P	A	O	P		
R	O	R	P	R	I	S	0	
E	S	N	E	N	A	V	A	M
S	O	E	T	E	G	E		
E								
O	D	N	A	R	O	T	O	D
O	N	O						
V	I	N	O	D	N	O	R	
M	R	O	N	V	A	R		
M	G	I	C	A	O	I	O	J
O	V	A	T	I	R	I		
V	I	C	N	E	R	E	V	
O	R	O	V	A	T	O	N	I
P	N	H						

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Mantenha o foco no interesse central e terá um dia de boas realizações. As muitas possibilidades que o dia oferece tende a fazer você se perder, indo por todos os lados.

Touro: Certifique-se, antes de tudo, se você está colocando sua energia em algo que vale a pena. Os motivos que o levam a lutar podem ser equivocados. Re-examine suas ideias.

Gêmeos: A tensão no trabalho e com amigos atinge ponto máximo. Um dia difícil, se não souber canalizar a energia para o que é produtivo e positivo. Acima de tudo, cuide de seu corpo.

Câncer: Reveja suas ideias em vez de tentar impô-las no ambiente de trabalho e com seus colegas e subordinados. Ao querer ser forte demais, você se afasta das pessoas.

Leão: Adapte os planos existentes às condições adversas do dia. A mudança de planos no trabalho, por uma promessa que não se cumpre, faz você gastar energia à toa.

Virgem: Os gestos emocionais exagerados e dramáticos são uma forma de pressionar e conseguir o que quer. Contudo, conquistar assim terá um preço alto além da conta.

Libra: Um dia de forte tensão nas relações íntimas. As questões materiais nas parcerias levam a disputas e a cada parte querer tudo para si. Converse de maneira mais livre e aberta.

Escorpião: Dia movimentado, mas tentando a se agitar à toa. Não obstante, procure usar a energia para algo útil. Não queira fazer coisas demais, não queira viver com pessoas demais.

Sagitário: Certa tensão está no ar, na vida amorosa e no ambiente de trabalho. O cotidiano não satisfaz suas expectativas. Você acha que consegue alguma coisa forçando as situações.

Capricórnio: Marte aflige Júpiter e indica tensão interior e conflito nas relações amorosas. Você tende a querer impor seus pontos de vista e ideias, sendo mais dogmático do que de costume.

Aquário: Júpiter aflige Marte e indica hiperatividade e falta de direção para as ações. Comunique-se, em vez de mandar nos outros. Organize os esforços, e tudo se tornará mais positivo.

Peixes: Controle seus gastos e terá um dia melhor. Aplique organizadamente as forças físicas e terá um dia produtivo. Lute por seus valores, comunique-se direito e se sentirá realizado.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Sem perder a nobreza jamais

Um cavaleiro em Moscou (Editora Intrínseca, 464 páginas, R\$ 79,90), do escritor norte-americano Amor Towles, ficou na lista dos mais vendidos do The New York Times por quase um ano. Mais de um milhão de exemplares vendidos, virou sucesso mundial. O romance épico é tido por muitos como um clássico da atualidade, pela construção narrativa, linguagem e conteúdo.

Antes de dedicar-se totalmente à escrita, Towles trabalhou mais de 20 anos no mercado financeiro. Em 2011 publicou o best-seller *Regras de Cortesia* e, em 2021, saiu *A estrada Lincoln*. Barack Obama indicou *Um cavaleiro em Moscou* e *A estrada Lincoln* e Bill Gates indicou *Um cavaleiro em Moscou*.

Um cavaleiro em Moscou inspirou a minissérie homônima que estreia nesta sexta-feira, 17 de maio, na Paramount+, estrelada pelo premiado ator Ewan McGregor (*Star Wars*, *Fargo*) e Mary Elisabeth Winstead (*Scott Pilgrim contra o mundo*).

Cinco anos depois da Revolução Russa, o Conde Aleksandr Rostov foi acusado de escrever um poema contra a revolução e não aderir aos bolcheviques.

Foi condenado a viver até os últimos dias num modesto alojamento no sótão do aristocrático Hotel Metropol, onde antes costumava ocupar uma confortável suíte. O regime tirou os privilégios do Conde, mas não lhe retirou a elegância e cortesia inatas.

Habitando onde moravam mordomos e criados, em meio às convulsões sociais que afetaram a Rússia e o mundo no século XX, o Conde descobre as engrenagens por trás da pompa e da grandeza do Metropol. Vai conhecendo os responsáveis pelo ecossistema e observa os clientes famosos.

Ele precisa transformar em lar o alojamento e, para tanto, usa sua personalidade cativante para formar uma nova família e aprofundar os laços com as pessoas que cruzam seu caminho. Ele passa a integrar a equipe do hotel e, altamente culto, vai nar-



rando sua vida e a dos outros com referências à história e à cultura russas. Todos os personagens têm histórias próprias e algumas tão surpreendentes como a dele, que, aos 23 anos, foi condenado a ser prisioneiro no Metropol, mas sem perder a nobreza, jamais.

e palavras...

AS ÁGUAS DE 2024

Bem que o cronista municipal-estadual, biógrafo do pequeno e grande cotidiano e especialista em generalidades, gostaria de falar das folhas amarelo-ouro do outono, de flores, passarinhos, da iluminação dicróica do sol de Porto Alegre ou falar da falta de assunto, que hoje em dia virou excesso de assunto. Bem que o cronista poderia falar, em todos os seus 3500 caracteres, sobre a querida, linda Malu, que nasceu em meio a estes dias difíceis da enchente de maio de 2024 e agora dorme com paz de bebê. E sonha com a próxima mamadeira e o próximo beijo da mamãe e do papai e, para sorte dela, não sabe do que está acontecendo ali fora.

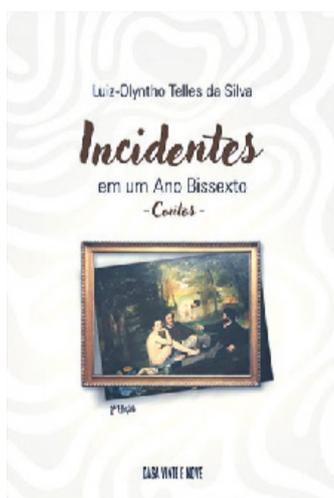
Lá fora está o maior desastre e desafio para todos os rio-grandenses, ou gaúchos, como você preferir. Acho que, unidos, vamos sair dessa catástrofe. Marcamos nossas fronteiras com pontões de lanças e marcas de patas de cavalo, povoamos o pampa com pessoas, cidades, plantações, rebanhos, lutas, sonhos, esperanças e histórias. Na Serra, os imigrantes escalaram os montes, a pé ou com mulas, com suas crianças, famílias e sua fé inabalável, abriram picadas a facão, comeram pinhões nos primeiros anos para sobreviver, plantaram, criaram animais e, literalmente, tiraram uva e vinho das colinas pedregosas. Comércio, indústria e turismo vieram depois. Nossos sul, norte, oeste e litoral também sempre marcaram o Rio Grande com a vontade de crescer e ser grande.

No momento, o foco é ajudar quem precisa e que são milhares. Num momento duro como este, o melhor

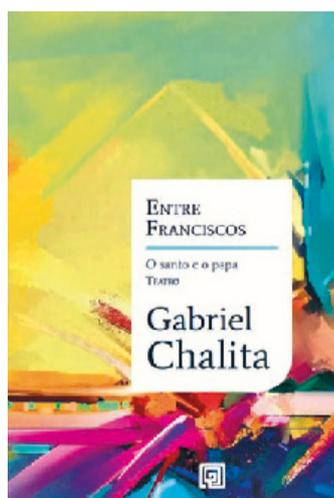
do ser humano, a solidariedade, a caridade e a humildade crescem, ao lado de características menos nobres do animal racional, como o egoísmo, a maldade, o oportunismo e o mau aproveitamento privado e público da situação. Felizmente, os meios de comunicação atuais dão a oportunidade rápida de ver quem é quem. Evidente que responsabilidades precisam ser apuradas, que é preciso conviver melhor com a natureza, que é preciso examinar detidamente o que aconteceu, especialmente nestas últimas décadas, em nível mundial, federal, estadual e municipal. Claro que precisamos de planejamento urbano, de cidades-esponja, de visões modernas sobre cidades e de prevenção. É preciso olhar para exemplos da Holanda, de New Orleans, Nova York e observar o que vem acontecendo em várias partes do Brasil. Existe tempo para tudo e o tempo tem que fazer o papel dele. O tempo se vinga das coisas feitas sem a colaboração dele. Acho que, nessa hora crucial, é preciso deixar a pátina do tempo cair, ao menos um pouco, para então entender tudo o que aconteceu.

As pessoas, os vizinhos, os grupos, empresas, entidades de classe e as organizações público e privadas estão dando um show de solidariedade e, certamente no momento de reconstrução, seguirão juntos. Os governos nos três níveis, as forças públicas armadas e desarmadas estão agindo, e espera-se que nossos homens públicos pensem primeiro no interesse social e que tenham consciência de que o julgamento do tempo e das urnas vem logo ali na frente.

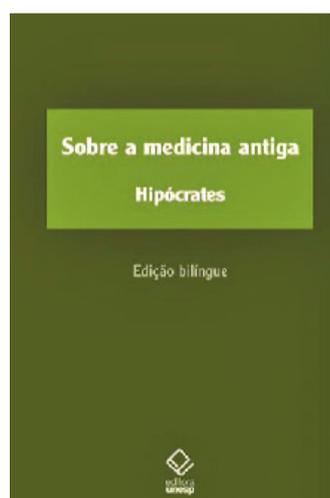
lançamentos



► **Incidentes em um ano bissexto** (Editora Casa Vinte e Nove), do consagrado psicólogo, psicanalista e escritor Luiz Olynto Telles de Silva, traz contos que poderiam ser usados em oficinas literárias. Intensidade, linguagem enxuta e a voz de um contador estão nas histórias que vão do sonho e da ternura até o barbarismo.



► **Entre Franciscos** (Minotau-ro-Almendina, 128 páginas, R\$ 49,00), do celebrado Gabriel Chalita, escritor, dramaturgo e ensaísta, narra o encontro do Papa Francisco com São Francisco de Assis no Vaticano, na lavanderia que o Papa mandou fazer para moradores de rua. Os dois falam de esperança, desesperança, animais, vida e natureza.



► **Sobre a medicina antiga** (Editora Unesp, 120 páginas, R\$ 39,00 - bilíngue português-grego), de Hipócrates, o pai da medicina, mostra como revolucionou a arte médica, com racionalidade e dedicação ao paciente. Ele promovia métodos de observação e desafiava crenças supersticiosas. Criou um padrão duradouro.

a propósito...

Que venha o sol, que Deus siga abençoando os gaúchos-rio-grandenses de todas as querências, que já lutaram muito nestes séculos e têm uma história gloriosa marcada por desafios vários, invernos e verões rigorosos, temporais inclementes com trovões ribombando nas coxilhas, minuano dobrando esquinas e chicoteando tudo o que encontra pela frente, secas e enchentes.

Mas o Rio Grande tem as prendas mais bonitas do Brasil e homens de valor, paisagens lindas de todo tipo, riquezas materiais e imateriais e um futuro que vamos construir juntos, depois de aprender com as coisas da natureza, do tempo e da vida. E espero que o governo federal ajude diretamente governos estadual e municipais, como já ocorreu na pandemia, com sucesso.

pensando cultura

Uma viúva reencontrada

Pintada em 1920 pelo artista lituano Lasar Segall (1889-1957), a obra *Witwe*, ou *Viúva*, foi considerada uma das mais importantes do artista. Porém, por não estar dentro dos padrões arianos, era considerada uma ‘arte degenerada’. Em 1937, o governo de Adolf Hitler lançou uma campanha oficial contra o que considerava arte degenerada, rotulando assim todas as obras que não se encaixavam nos padrões clássicos de beleza e representação naturalista do regime.

Todas as obras desenvolvidas dentro das vanguardas modernas, como cubismo, expressionismo e fauvismo, eram consideradas “degeneradas”. O governo confiscou cerca de 16 mil obras de arte, incluindo aproximadamente 50 de autoria de Lasar, que tinha origem judia.

Naquele mesmo ano, em julho, 650 dessas obras, incluindo duas pinturas de Segall, foram apresentadas na mostra *Entartete Kunst* [Arte Degenerada] em Munique. Apesar da desaprovação do povo alemão, a exposição foi um sucesso de público, recebendo mais de 2 milhões de visitantes e causando grande repercussão.

Após a mostra, a promessa era de que essas obras seriam destruídas pelo governo. Sabendo das cifras que alguns artistas alcançavam no mercado internacional, entretanto, os nazistas venderam trabalhos assinados por nomes como Picasso, Kandinsky, Chagall e Van Gogh, o que nos permite admirá-las atualmente. Na época e nos anos seguintes, acreditava-se que *A Viúva* tinha sido destruída.

Porém, a mesma ressurgiu no Brasil após oito décadas de desaparecimento. A obra foi encontrada na Europa pelo marchand Paulo Kuczynski e é o centro da mostra *Witwe, uma pintura reencontrada*, do Museu Lasar Segall de São Paulo, com inauguração marcada para 19 de maio.

Com a pintura, serão exibidas gravuras produzidas pelo artista na mesma época, que fazem parte do acervo de mais de 3 mil itens que a instituição conserva e divulga. A exposição abre durante a 22ª Semana Nacional de Museus, uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus em torno do Dia Internacional dos Museus, celebrado em 18 de maio. Ela segue em cartaz até o dia 18 de agosto.

Kuczynski conta sobre o momento que encontrou a obra: “São momentos inesquecíveis na vida de um marchand – o prazer da descoberta. No entanto, neste caso, a emoção é de outra natureza e há pouca chance de que se repita na minha vida”.

Ele ainda complementa sobre o que (ou quem) possibilitou a redescoberta da pintura. “No caso de *Viúva*, existiu um salvador, e isso me intriga, faz minha imaginação voar. A pintura certamente magnetizou o olhar de alguém (um oficial nazista?), que por ela se encantou a ponto de, contra as ordens oficiais, escondê-la e poupá-la da fogueira – um delito grave naquele momento de extremos.”

Depois de algumas tratativas, o marchand conseguiu trazer a tela para o Brasil e a levou ao Museu Lasar Segall, centro de referência para o estudo da obra. Ela foi analisada e autenticada pelo então diretor, Marcelo Monzani, e sua equipe técnica.



Rotulada como ‘arte degenerada’ pelos nazistas, obra de Lasar Segall está novamente em exposição, 80 anos depois do seu desaparecimento

Os ex-diretores do museu Marcelo Araújo, Jorge Schwartz e Giancarlo Hannud também foram convidados para ver a pintura pessoalmente, que até então só era conhecida por fotos em preto e branco de antigos catálogos e livros. “Pude perceber, ao observar esses apaixonados por Segall, o frisson provocado pela fatura, pelo colorido e por toda a carga histórica da obra milagrosamente intacta”, concluiu.

Museóloga e pesquisadora do museu Lasar Segall há mais de 40 anos, Pierina Camargo acredita que a obra deve ser devolvida ao museu de onde foi confiscada, o Folkwang Museum, em Essen, Alemanha. Feita durante o auge expressionista do artista, a pintura é considerada uma sobrevivente da guerra, que tanto dizimou a arte e a cultura da época.

A partir de 19 de maio, as pessoas tam-

bém terão a oportunidade de encontrar a tela sobrevivente no museu dedicado ao artista. Fundado dez anos após sua morte, em 1967, no lugar onde viveu com a família, na Vila Mariana, o museu foi criado pelos filhos Mauricio e Oscar Klabin Segall. O acervo foi doado pela família à Associação Museu Lasar Segall que, em dezembro de 1984, se transformou no Museu Lasar Segall, hoje uma unidade do Instituto Brasileiro de Museus.